

A REVISÃO BIBLIOGRÁFICA – UMA DIMENSÃO FUNDAMENTAL PARA O PLANEJAMENTO DA PESQUISA

José D'Assunção Barros*

Resumo

Este artigo busca desenvolver uma reflexão acerca da Pesquisa em História, particularmente direcionada para os pesquisadores que se defrontam com este que é um dos primeiros momentos da pesquisa a ser iniciado: a construção da Revisão Bibliográfica. A principal intenção do artigo é trazer uma contribuição para alunos e professores dos campos de conhecimento relacionados às ciências sociais e humanas, e particularmente da História, oferecendo algumas sugestões práticas e meios para o entendimento e o esclarecimento sobre aspectos relacionados à Teoria e à Metodologia no que se refere à condução do processo de Pesquisa.

Palavras-Chave: Pesquisa Histórica. Teoria. Método. Ciências Humanas. Conhecimento Científico.

O PROJETO DE PESQUISA E A REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O presente artigo discutirá um aspecto importante pertinente à feitura de um Projeto de Pesquisa: a *Revisão Bibliográfica*. Nossa ênfase exemplificativa será o campo da História e, oportunamente, outros âmbitos de estudo relacionados às Ciências Humanas. Espera-se, com isto, contribuir para o trabalho daqueles que se empenham na formalização de uma pesquisa em alguma das áreas relacionadas às Ciências Humanas, e particularmente, à História enquanto campo específico de produção de conhecimento.

Começaremos por dizer que, entre os itens fundamentais de um Projeto de Pesquisa, e frequentemente de um texto que já apresenta resultados alcançados pela Pesquisa (como a Monografia, a Dissertação ou a Tese de Mestrado), encontra-se certamente a Revisão Bibliográfica. É interessante ressaltar que muitos autores abrem nos seus projetos de pesquisa um capítulo especial para a 'Revisão Bibliográfica', enquanto outros incluem essa revisão da bibliografia existente sobre o tema no capítulo habitualmente chamado 'Quadro Teórico', que é aquele capítulo do Projeto de Pesquisa onde são estabelecidas algumas discussões importantes sobre a teoria e os conceitos que estarão envolvidos na pesquisa a ser empreendida. Há ainda quem inicie o seu Projeto com uma Introdução que apresenta uma espécie de revisão da bibliografia existente para depois justificar o seu Projeto em termos do preenchimento de uma lacuna qualquer evidenciada por essa revisão da bibliografia existente sobre o tema.

Na verdade, como se deve ressaltar, existem muitas alternativas formais possíveis em um Projeto de Pesquisa. A realização de uma Revisão Bibliográfica dentro deste Projeto pode ocorrer de muitas maneiras – o importante é que ela *efetivamente se realize*. Isto por algumas razões que devem ficar bem compreendidas. Ninguém inicia uma reflexão científica ou acadêmica a partir do ponto zero. O mais comum é iniciar qualquer trabalho ou esforço de reflexão científica a partir de conquistas

* Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Entre as obras mais recentes contam-se os livros *O Campo da História* (Petrópolis: Vozes, 2004), *O Projeto de Pesquisa em História* (Petrópolis: Vozes, 2005), *Cidade e História* (Petrópolis: Vozes, 2007) e *A Construção Social da Cor* (Petrópolis: Vozes, 2009). jose.assun@globocom

ou questionamentos que já foram levantados em trabalhos anteriores. Mesmo que para criticá-los.

Partir do pressuposto de que você foi o primeiro e único que se propôs a iniciar uma caminhada de reflexão através de determinado tema seria ou prepotência ou ingenuidade. De fato, sempre que um pesquisador estiver definindo um tema, deve procurar realizar um levantamento exploratório da bibliografia já existente. Pode até se dar que o seu recorte temático seja efetivamente original ou em certa medida pioneiro, mas sempre existirão recortes aproximados percorridos por autores anteriores que merecerão ser considerados para um posicionamento perante o problema.

Neste sentido, a idéia de uma Revisão Bibliográfica é enunciar alguns dos ‘interlocutores’ com os quais você travará o seu diálogo historiográfico e científico. Estes interlocutores constituirão parte da riqueza de seu trabalho, e não convém negligenciá-los. Por outro lado, proceder a uma cuidadosa revisão da literatura já existente é evitar o constrangimento de repetir sem querer propostas já realizadas ou de acrescentar muito pouco ao conhecimento científico. A revisão da literatura já existente sobre determinado assunto poderá contribuir precisamente para apontar lacunas que o pesquisador poderá percorrer de maneira inovadora, além de funcionar como fonte de inspiração para o delineamento de um recorte temático original. Ao se elaborar esta revisão da literatura, a partir de um espírito crítico, poderão surgir ainda retificações, contestações, relocalizações do problema. A revisão bibliográfica, enfim, contribui para aperfeiçoar uma proposta temática inicial.

QUE LIVROS INCLUIR NA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA?

A tarefa da Revisão Bibliográfica não é *listar* todos os livros que forem importantes para o seu tema (isto poderá ser feito no final do Projeto de Pesquisa, em um item chamado ‘Bibliografia’ ou ‘Referências Bibliográficas’). O que se pede na Revisão Bibliográfica são *comentários críticos* sobre alguns itens da bibliografia existente

que você considera particularmente importantes, seja para neles se apoiar, seja para criticá-los.

Também não é possível comentar *todos* os livros que serão importantes para o seu trabalho, uma vez que isto consumiria muitas e muitas páginas do seu texto, produzindo com isto uma dispersão em relação aos verdadeiros objetivos de síntese que devem pontuar um Projeto de Pesquisa. As obras a serem discutidas na Revisão Bibliográfica devem ser reduzidas prudentemente às mais valiosas para a investigação e para a colocação do problema. Em última instância, trata-se apenas de pontuar o seu posicionamento em relação ao atual estado da questão a ser estudada, além de mostrar que você está perfeitamente a par da bibliografia já existente.

Neste sentido, vale lembrar que, ao mostrar em seu Projeto uma revisão bibliográfica satisfatória, o pesquisador estará apresentando uma espécie de “cartão de visitas” pronto a atestar simultaneamente a seriedade de seu trabalho e um nível adequado de conhecimento para o tipo de trabalho que pretende realizar.

Na Revisão Bibliográfica devem aparecer tanto obras que apóiem o caminho proposto pelo pesquisador, funcionando como uma base a partir da qual ele se erguerá para enxergar mais longe, como também obras às quais o pesquisador pretende se contrapor. Pode-se dizer que, com a elaboração da Revisão Bibliográfica, o pesquisador busca apoios e contrastes. Note-se, ainda, que é possível haver concordância com algumas das proposições de uma obra e discordância em relação a outras proposições desta mesma obra. A Revisão Bibliográfica, em última instância, é um exercício de crítica. Através dela, o autor busca seus interlocutores.

A escolha de obras que deverão figurar em uma Revisão Bibliográfica acerca de determinado tema é desde já uma questão de bom senso. Se convém mencionar obras que já se tornaram clássicas, é importante também mencionar obras novas e atualizadas. Este último particular irá atestar, adicionalmente, que o pesquisador

está perfeitamente a par dos últimos trabalhos que foram produzidos em torno da sua temática. Mostrar uma atualização em relação à literatura pertinente ao seu objeto é, além de uma obrigação, uma necessidade vital para o pesquisador que ambiciona produzir um trabalho sério.

Um tipo de texto publicado que não deve ser esquecido na Revisão Bibliográfica (e também na listagem bibliográfica ao final do Projeto) são os artigos de periódicos especializados. Entende-se por “periódicos” as publicações que reaparecem após certo lapso de tempo (LEITE, 1977, p. 78). Normalmente estas publicações ocorrem a intervalos regulares. Neste sentido, e também conforme o conteúdo por elas encaminhado, existem diversos tipos de periódicos, desde os ‘magazines’ até os jornais da imprensa diária^a. Mas os tipos de periódicos que interessam mais particularmente a um pesquisador ou estudioso de qualquer área são as ‘revistas especializadas’, os ‘jornais’ também especializados, e ainda os boletins de instituições de pesquisa e anais de congressos que ocorrem regularmente.

De um modo geral, pode ser feita uma distinção fundamental entre os dois principais gêneros de periódicos (o ‘jornal’ e a ‘revista’). “O jornal, de informação mais imediata, teria se encaminhado historicamente para a veiculação diária; já a revista, de elaboração mais cuidada e aprofundando temas, teria se encaminhado para a periodização semanal, quinzenal, mensal, trimestral ou semestral, por vezes anual” (MARTINS, 2001, p. 40). Mas é verdade que, em se tratando de ‘jornais especializados’, esta distinção em termos de periodicidade de publicação ou de aprofundamento de conteúdo tende a se diluir, uma vez que existem jornais especializados que têm periodicidade semanal e mesmo mensal, e que há outros, sobretudo nos meios acadêmicos e eruditos, que apresentam tanta profundidade de conteúdo nos seus artigos como as revistas especializadas de sua área.

Nesses casos, o que vai distinguir um jornal de uma revista é mais uma questão de formato editorial ou

de suporte de publicação. O jornal, assumindo um formato em cadernos com uma diagramação em colunas, e preferindo um tipo de papel menos sofisticado, tende a ser mais rapidamente descartável do que a revista (mas este não é certamente o caso dos jornais especializados de tipo acadêmico, que contêm artigos que os pesquisadores costumam guardar). A ‘revista’, editada em modelo de encadernação similar ao do livro e produzida em papel de qualidade, costuma ser conservada por mais tempo (e certamente por muito mais tempo nos casos das revistas especializadas de conteúdo acadêmico)^b.

Para o caso de estudos eruditos, e particularmente no caso de uma Revisão Bibliográfica direcionada a trabalhos acadêmicos, o que interessa são os periódicos especializados (sejam jornais ou revistas) de conteúdo mais direcionado para o estudo acadêmico ou erudito. Existem, para o caso da História e das Ciências Sociais, diversas revistas especializadas em historiografia, sociologia, antropologia, filosofia, e tantas outras disciplinas afins.

Entre as revistas historiográficas internacionalmente famosas estão a chamada “Revista dos Annales” – que tem reunido textos de historiadores franceses desde a época de Marc Bloch e Lucien Febvre até os dias de hoje – a “Past and Present” dos historiadores ingleses, e também os “Quaderni Storicí”, que têm se constituído em um espaço privilegiado para os artigos dos micro-historiadores italianos. Como se vê, não raro ocorre que uma determinada revista seja o órgão de comunicação de um grupo de autores e pesquisadores com características em comum, como foi o caso da “Revista de Pesquisa Social”, que a partir dos anos 30 foi o veículo da famosa Escola de Frankfurt*. Pode-se dar também que a revista seja uma publicação institucional, ligada a uma Universidade ou a um Instituto de Pesquisa, neste caso abarcando no seu interior tendências as mais diversas. No Brasil, apenas para dar alguns exemplos, temos a revista *Tempo e História* (U.F.F.), a *Revista USP* (USP, São Paulo), a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (IHGB), a *Revista Brasileira de História*

(ANPUH, São Paulo), a *História Social* (UNICAMP), entre outras excelentes publicações especializadas.

Naturalmente que, em uma Revisão Bibliográfica, o que o autor de um projeto vai citar e comentar não são as revistas e jornais especializados propriamente ditos. O que ele vai registrar criticamente são os artigos específicos dentro destas revistas que interessam particularmente ao seu tema, que neste caso deverão ser selecionados com critério e pertinência.

Vale ainda lembrar que, em diversas ocasiões, os artigos importantes de um certo autor que foram publicados nas revistas especializadas mais reconhecidas acabam por ser editados posteriormente em coletânea, vindo a se constituir em livro. O que importa, naturalmente, não é o tipo de suporte, mas o conteúdo (o mesmo artigo pode aparecer em revistas e em livros). Mas é claro que há um lapso de tempo entre a data da publicação original de um artigo na revista especializada e a sua posterior incorporação a uma coletânea em livro. Para o caso das discussões mais recentes, o pesquisador não poderá esperar obviamente por estas edições.

A presença de periódicos, incluindo os mais recentes, é importante porque indica que o pesquisador está alerta para as questões que estão sendo discutidas na sua área e em torno da sua temática. Embora uma bibliografia alicerçada em bons livros seja fundamental, é preciso também estar atento para o fato de que as grandes polêmicas do momento e as últimas descobertas não chegam aos livros com a mesma velocidade com que chegam aos periódicos especializados, cuja função principal é precisamente a de dar uma continuidade a um processo de atualização mais imediato do conhecimento, ou “passar em revista” todo um saber que está sendo construído em determinado campo disciplinar.

Em síntese, as razões para o caráter imprescindível da consulta de periódicos durante a elaboração de uma revista são bastante evidentes. Em primeiro lugar, conforme já foi ressaltado, um bom livro custa a ser elaborado por um autor consciente, não contando com a mesma rapidez com que são produzidos os artigos em

revistas e jornais. Além disso, quando o livro torna-se um clássico na sua área, ou uma obra de reconhecido valor, é verdade que ele se beneficiará provavelmente de sucessivas edições, vindo a se tornar uma espécie de patrimônio da comunidade científica. Mas, por outro lado, este conhecimento terá os seus limites de conteúdo associados à data da primeira edição da obra, a não ser que o autor se empenhe em reescrever edições atualizadas — o que nem sempre será possível face ao jogo do mercado editorial e face à própria carga de atribuições do autor que, provavelmente, também estará ocupado em produzir obras inteiramente novas.

A rede de artigos produzidos em periódicos, ao contrário, representa uma atualização de conhecimento permanente e a intervalos bem mais curtos. Em uma rede de artigos produzidos sobre determinada temática podemos captar precisamente o debate que se estabelece entre os vários autores, pois frequentemente os artigos inseridos nos periódicos especializados possuem um alto teor de crítica em relação às obras já consolidadas e também em relação aos outros artigos que vão sendo produzidos. Manter-se a par dos debates que se inserem nos periódicos é manter-se inserido em um intercâmbio dinâmico de ideias.

Vale a pena também dispensar uma atenção aos periódicos já antigos, pois eles trazem um retrato das grandes polêmicas que foram estabelecidas no passado e que mais tarde ganharam as páginas dos livros para serem mais desenvolvidas. Recuperar uma rede de artigos especializados é recuperar a dinâmica vital de uma elaboração teórica, de uma contínua reapropriação de descobertas empíricas e tomar consciência dos próprios “lugares de produção” que organizaram primordialmente estas elaborações teóricas e reapropriações empíricas.

Apenas para trazer um exemplo, o desenvolvimento do conceito de “modo de produção Escravista Colonial”, tão importante para aprofundar uma reflexão crítica sobre o sistema escravista no Brasil, beneficiou-se de

acurado debate durante a década de 1980 nos congressos de História e em algumas das mais significativas revistas historiográficas brasileiras. Assim, o número XIII da revista *Estudos Econômicos*, publicada em São Paulo no ano de 1983, conta com artigos de alguns dos principais formuladores deste conceito e de seus críticos^c (entre outros, os artigos de Jacob Gorender, Ciro Cardoso e Roberto Borges Martins). É verdade que, posteriormente, surgiram livros que resumem esta polêmica e sumarizam as várias perspectivas em torno daquela discussão teórica. O livro *Escravidão e Abolição no Brasil*, organizado por Ciro Flamarion Cardoso, é um exemplo, particularmente o balanço crítico realizado no capítulo I (CARDOSO, 1988, p. 16-71). Mas nada como recuperar a própria dinâmica deste debate, reconstituindo a sua intertextualidade.

Por todas as razões antes indicadas, os periódicos especializados representam uma discussão de ponta que não pode ser negligenciada pelo pesquisador. Com relação à seleção do que comentar criticamente em termos de periódicos, vale o que já foi dito sobre os livros: não é possível comentar criticamente, ou mesmo mencionar *todos* em uma ‘Revisão Bibliográfica’ de Projeto de Pesquisa. Haverá um espaço, no capítulo do Projeto referente à listagem bibliográfica, para o registro de todos os artigos importantes. Mas aqui se trata apenas de integrar criticamente alguns itens indispensáveis para situar o estado atual da questão que será examinada. Comenta-se aquilo que é fundamental para o trabalho, seja como apoio ou como contraste.

Para além dos periódicos, outro setor de ponta em termos de conhecimento atualizado é constituído pelas dissertações e teses. Muitas delas não foram publicadas, ou então encontraram edição mais resumida depois de sua defesa, mas certamente todas poderão ser buscadas nas bibliotecas das suas universidades de origem. Estabelecer um diálogo com as teses que se desenvolveram em torno de temáticas afins ao trabalho que se pretende realizar é não apenas trazer novos

elementos para o debate, mas potencializar a intertextualidade que será construída pelo pesquisador com a incorporação das ‘revisões bibliográficas’ que cada uma destas teses já traz consigo. É, acima de tudo, inscrever o trabalho em uma teia que se atualiza ininterruptamente.

COMO ORGANIZAR A REVISÃO BIBLIOGRÁFICA?

Com relação ao modo de organizar uma revisão bibliográfica de maneira a assegurar coerência e lógica, pode-se subdividi-la em itens relativos aos aspectos ou tipos de obras comentadas. Esta subdivisão em itens, por outro lado, pode ser apenas implícita –isto é, não pontuada necessariamente por subtítulos – correspondendo a uma sequência lógica de blocos de parágrafos conforme os assuntos que vão sendo discutidos.

Digamos, por exemplo, que o tema de investigação refere-se à ‘Repressão à Educação Feminina no Islamismo Afegão do final do século XX’. De um tema como este já se destacam automaticamente algumas coordenadas que podem suscitar sucessivos itens para uma revisão bibliográfica. Posso começar discutindo obras que abordaram aspectos relacionados à ‘repressão à educação feminina’ de uma maneira geral. Em seguida, posso discutir a produção científica que já existe sobre o ‘Islamismo no século XX’, para depois apresentar criticamente obras sobre o Afeganistão de suas últimas décadas. Finalmente, unindo os vários feixes antes propostos, poderei discutir as obras eventualmente existentes sobre Repressão à Educação Feminina no Islamismo Afegão. Caso não existam obras com esta especificidade, valerá apontar aí uma lacuna, que será precisamente preenchida pela Pesquisa proposta.s

Naturalmente que a organização acima proposta é apenas uma das muitas alternativas que seriam possíveis para uma Revisão Bibliográfica relacionada ao tema proposto. Seria possível começar com as obras já existentes

sobre o Afeganistão, partir daí para discutir a literatura já existente sobre a experiência islâmica neste país, enfocar em seguida a radicalização fundamentalista que culminou com o governo Talibã, para finalmente examinar os seus efeitos sobre a educação das mulheres afegãs.

Conforme se pode ver, não existe uma única maneira correta de apresentar a bibliografia já existente sobre determinado tema – uma vez que todo tema incorpora habitualmente várias coordenadas que poderão ser discutidas na ordem que o pesquisador escolher, e com ênfases diferenciadas conforme a orientação que se pretende imprimir à Pesquisa. Pode ser que ele dê menor ou maior importância à determinada coordenada, concedendo-lhe menos ou mais espaço de discussão na sua Revisão Bibliográfica. Isto sempre será uma decisão do autor. Rigorosamente, os caminhos percorridos para a realização de uma revisão crítica da literatura existente são escolhas do pesquisador, bem como a sua dosagem. O importante é que ele sinta que a literatura relacionada ao seu tema foi discutida nos seus principais aspectos.

Pode-se optar ainda por outras formas de organização da Revisão Bibliográfica que não sejam necessariamente aquelas que ordenam por assuntos ou sub-temáticas, conforme foi explicitado acima. É possível, por exemplo, construir um balanço historiado de uma questão, mostrando como ela vem sendo tratada a partir de momentos anteriores da historiografia ou da literatura existente até chegar ao presente do próprio pesquisador, quando então ele irá comentar as polêmicas mais atuais. Essa alternativa pelo balanço do desenvolvimento histórico da questão tem a vantagem de mostrar que as teorias e polêmicas atuais são resultados de teorias e polêmicas anteriores, com as quais estão em relação de desenvolvimento ou de ruptura.

É possível, ainda, juntar as duas alternativas antes citadas ('organização por sub-temáticas' e 'balanço historiado da questão'). Procede-se neste caso a uma divisão mais ampla por sub-temáticas, agrupando livros e

artigos afins nos vários conjuntos separados de parágrafos (pode ser oportuno separar entre si estes blocos de comentários através de sinais como os 'asteriscos'). Mas dentro de cada grupo busca-se organizar a questão sob a forma de balanço historiado, comentando itens mais antigos antes dos mais recentes e revelando aí um processo de continuidades e rupturas.

Por exemplo, retomando o exemplo anterior sobre "a repressão à educação feminina no Islamismo Afegão do final do século XX", posso dedicar um bloco de parágrafos para discutir obras que têm abordado a 'repressão à educação feminina' de uma maneira geral, e um outro para discutir obras sobre o 'Islamismo no século XX'. Mas dentro de cada um destes blocos posso estabelecer uma discussão historiada, comentando inicialmente as obras e perspectivas mais antigas até chegar às obras e perspectivas mais recentes.

Existem ainda muitas outras formas de dar uma organização lógica e coerente à Revisão Bibliográfica. Agrupamento por 'âmbitos teóricos' (primeiro comentar as obras marxistas que trataram a questão, depois as estruturalistas, e assim por diante); 'agrupamentos por afinidade no tratamento do tema' (independente da filiação teórica); ou mesmo estabelecer uma divisão por gêneros bibliográficos, primeiro mencionando os livros propriamente ditos e depois os periódicos. Essas e muitas outras maneiras de organizar a 'Revisão Bibliográfica' são igualmente válidas. O que importa é estabelecer um padrão de organização interna, e não simplesmente ir registrando comentários sobre livros diversos à medida que eles aparecem na cabeça do autor.

DISTINÇÃO ENTRE BIBLIOGRAFIA E FONTES.

Compreendidas as alternativas de organização para este capítulo, é preciso ainda chamar atenção para uma confusão que frequentemente aparece na 'Revisão Bibliográfica' de alguns projetos de História. Deve-se ter sempre em mente a distinção entre "fontes" e "bibliografia" propriamente dita.

A fonte histórica é aquilo que coloca o historiador diretamente em contato com o seu problema. Ela é precisamente o material através do qual o historiador examina ou analisa uma sociedade humana no tempo. Uma fonte pode preencher uma destas duas funções: ou ela é o meio de acesso àqueles fatos históricos que o historiador deverá reconstruir e interpretar (fonte histórica = fonte de informações sobre o passado), ou ela mesma ... é o próprio fato histórico. Vale dizer que, neste último caso, considera-se que o texto que se está tomando naquele momento como fonte é já aquilo que deve ser analisado, enquanto discurso de época a ser decifrado. Nesse sentido, a fonte pode ser vista como ‘testemunho’ de uma época e como ‘discurso’ de uma época.

Há algum tempo, chamavam-se as fontes de época das quais os historiadores se utilizavam de “fontes primárias” ou de “fontes de primeira mão”. Hoje se assinala a tendência a utilizar simplesmente a denominação “fonte” para a documentação histórica de todos os tipos. Também é ocasionalmente empregada a expressão “documento histórico”, que hoje em dia é praticamente um sinônimo de “fonte histórica” – embora os historiadores estejam preferindo utilizar cada vez mais, no lugar de “documento” a expressão “fonte”, que, além de ser uma expressão mais abrangente, é menos associável às práticas historiográficas do passado (“documento” tomado exclusivamente como uma espécie de “prova” ou “testemunho do que aconteceu”, à maneira positivista)^d.

De modo bem distinto, a “bibliografia” propriamente dita constitui o conjunto daquelas outras obras com as quais dialogamos, seja para nelas nos apoiarmos ou para nelas buscarmos contrastes. Não são obras que funcionam como material direto para o estudo do tema. São obras escritas por outros autores que refletiram sobre o mesmo tema que tomamos para estudo, ou que contém desenvolvimentos teóricos importantes para o nosso trabalho.

É esse tipo de bibliografia que discutimos no capítulo relativo à ‘Revisão Bibliográfica’. Trata-se, como dissemos até aqui, de estabelecer um diálogo com outros autores, de

comparar os seus pontos de vista com os nossos para buscar apoios e contrastes, de respaldar algumas opiniões que não queremos emitir sozinhos, de reaproveitar as ideias destes autores no contexto de nosso trabalho para torná-lo mais rico, mais plural, interconectado com a comunidade científica da qual fazemos parte. Se o lugar para a indicação desse diálogo com a “literatura” existente é a ‘Revisão Bibliográfica’, as “fontes” não devem ser descritas ou avaliadas neste mesmo capítulo do Projeto. Para elas deve ser reservado um capítulo especial, ou então deve-se incorporar a sua descrição e avaliação ao capítulo relativo à ‘Metodologia’ (em muitos projetos este capítulo recebe a designação de “Fontes e Metodologia”). Deixaremos para falar dos aspectos relativos à constituição do *corpus documental* (conjunto de fontes), e à sua integração ao Projeto de Pesquisa, no momento oportuno.

O mesmo que foi observado em relação à distinção entre bibliografia e fontes deve ser observado com relação à distinção entre *periódicos* utilizados como “bibliografia” e *periódicos* utilizados como “fontes”. Valem alguns esclarecimentos.

Entre os diversos tipos de documentação à disposição do historiador para construir a sua análise historiográfica, pode se dar que – dependendo do objeto de estudo – as revistas, jornais, magazines e outros tipos de *periódicos*, constituam precisamente fontes privilegiadas para que este historiador se aproxime de uma época ou de uma situação histórica.

De fato, o historiador pode lançar mão dos *periódicos* para compreender uma sociedade “através de registro múltiplo: do textual ao iconográfico; do extratextual – reclame ou propaganda – à segmentação; do perfil de seus proprietários àquele de seus consumidores” (MARTINS, 2001, p. 21). O mais banal magazine, e talvez exatamente por causa desta banalidade, constituir-se-á para ele em uma fonte privilegiada para perceber a vida cotidiana, os padrões de consumo, o vocabulário de uma sociedade, os seus modos de pensamento, sensibilidade e representação.

No outro extremo, a própria ‘revista especializada’ pode vir a se constituir em excelente fonte para

compreender um setor social que se relaciona a este tipo de publicação e de leitura. Uma tese sobre “o pensamento historiográfico brasileiro na segunda metade do século XIX” terá como fonte obrigatória a *Revista do IHGB*. Atente-se, porém, para o fato de que, neste caso, estarei utilizando o periódico como fonte, e não como bibliografia de apoio.

Se pretendo compreender o pensamento dos historiadores que no século XIX se filiavam ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, estarei examinando as revistas dessa época como fontes para analisar o discurso historiográfico de então, a posição política de seus enunciadores, os seus compromimentos políticos, e assim por diante. Pode se dar, porém, que eu utilize nesta mesma tese textos de historiadores atuais que foram publicados na revista do IHGB, mas agora para estabelecer um diálogo historiográfico com estes autores, meus contemporâneos, em torno de meu objeto de estudo. Neste caso, já se trata de utilizar o periódico como bibliografia de apoio. Enquanto na primeira situação tratava-se de examinar o pensamento da época para compreender a sociedade que o produziu, já na segunda situação lanço mão de textos atuais para enriquecer uma discussão bibliográfica sobre uma sociedade do século XIX. Em outras palavras, neste último caso estarei empregando os artigos dos periódicos como textos com os quais concordo ou dos quais discordo.

Em vista do que foi visto até aqui, é fácil entender que no capítulo Revisão Bibliográfica de uma tese sobre a historiografia oitocentista só deverão ser mencionados os textos que se enquadram nesta última situação (textos atuais que discutem a historiografia do século XIX). Quanto aos próprios textos do século XIX que foram publicados pela *RIHGB*, estes deverão ser relacionados no capítulo ‘Fontes e Metodologia’ de um Projeto, pois se referem às fontes primárias que serão trabalhadas pelo historiador e sobre as quais se farão incidir metodologias específicas de análise.

Com essas observações, concluímos este esforço didático de expor de modo sucinto o que é basicamente

uma Revisão Bibliográfica, o que representa no âmbito de uma Pesquisa, e como integrá-la a este instrumento de planejamento da Pesquisa que é o Projeto. Uma boa Revisão Bibliográfica, acrescentaremos aqui para pontuar as considerações que acabamos de registrar, é já um excelente ponto de partida para a realização de uma Pesquisa que será bem sucedida, pois coloca o pesquisador em contato direto com aquilo que já foi realizado relativamente ao seu tema em outros trabalhos já compreendidos.

THE BIBLIOGRAPHY REVISION – A FUNDAMENTAL DIMENSION FOR THE PANNING OF RESEARCH

Abstract

This article attempts to develop a reflection about the Historical Research, particularly dedicated to the researches that who are in this first moment of a research to be developed: the constitution of the Bibliographic Revision. The principal intention of the article is to contribute with students and professors of social and human knowledge fields, and particularly involved with History, giving some practical suggestions and means for understand and clarify some aspects refereed to Theory and Methodology in reference to the conduction of the research process.

Keywords: Historical Research. Theory. Method. Human Sciences. Scientific Knowledge.

NOTAS

- 1 O “Magazine”, por exemplo, é uma alternativa de revista que traz uma ênfase nas fotos e ilustrações, e que abre espaço para a publicidade de bens de consumo. Neste sentido, potencializa as características comerciais do gênero “revista” (MARTINS, 2001: 42). Já o “jornal” comum é uma publicação cujo principal objetivo é informar, embora também contenha espaço para os classificados e, em algumas colunas, para a reflexão crítica.
- 2 Vale considerar ainda a definição de Clara ROCHA: “Uma revista é uma publicação que, como o nome sugere, passa em revista diversos assuntos, o que [...] permite um tipo de leitura fragmentada, não contínua, e por vezes seletiva” (ROCHA, 1985: 33). Citada por MARTINS, 2001: 45.

3 CARDOSO, 1983: 45-46; GORENDER, 1983: 7-39 ; MARTINS, 1983: 181-209.

⁴Vale ainda lembrar que a palavra “documento”, de origem jurídica, parece remeter apenas a um certo tipo de documentação escrita, em detrimento da enorme variedade de fontes que hoje são utilizadas pelos historiadores.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Ciro Flamarion. “Escravidão e Dinâmica da população escrava nas Américas” In *Estudos Econômicos*, XIII, nº 1, 1983. p.45-46.

CARDOSO, Ciro Flamarion. “Novas perspectivas acerca da escravidão no Brasil” In *Escravidão e Abolição no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p.16-71.

GORENDER, Jacob. “Questionamentos sobre a teoria econômica do escravidão colonial” In *Estudos Econômicos*, XIII, nº 1, 1983. 7-39.

MARTINS, Roberto Borges. “Minas Gerais, século XIX: tráfico e apego à escravidão numa economia não-exportadora” In *Estudos Econômicos*, XIII, nº 1, 1983. 181-209.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. “O Periódico: variedade e transformação”, *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, USP, 28: 137-151, 1977.

MARTINS, Ana Luíza. *Revistas em Revista*. São Paulo: EDUSP, 2001.

ROCHA, Clara. *Revistas Literárias do século XX em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985.

Enviado em 05 de março de 2010
Aprovado em 10 de março de 2010

